

um metro de comprimento. O licranço (*Anguis fragilis*) e o lagarto-de-água (*Lacerta schreiberi*) surgem frequentemente nos lameiros envolventes do monumento. No pequeno ribeiro do Campesinho, e noutras linhas de água, facilmente se encontra a cobra-de-água-viperina (*Natrix maura*). Continuando o percurso, poderá encontrar em zonas secas e abertas a cobra-rateira (*Malpolon monspessulanus*). Esta é a cobra de maiores dimensões da nossa fauna e mesmo da Europa, podendo atingir os dois metros de comprimento. Todas estas espécies são inofensivas. Também alguns anfíbios poderão ser observados: o tritão-de-ventre-laranja (*Triturus boscai*), o sapo comum (*Bufo bufo*), a rã verde (*Rana perezi*) e a rã-ibérica (*Rana iberica*).

**Posto 4**  
**Levada de água**

Abandone o mosteiro, subindo um íngreme caminho de pé posto até encontrar um caminho mais largo e plano. Siga a sinalética até encontrar uma levada de água. Atente aos sinais de perigo. Se fizer a descida para o ribeiro do Campesinho, faça-o com todo o cuidado, pois há pedras soltas e escorregadias. As levadas fazem parte do sistema de aproveitamento das águas para rega dos campos, normalmente de uso comunitário. Esta levada serve actualmente e alternadamente as propriedades de dois vizinhos. Em Pitões existe ainda o chamado rego do povo, que distribui a água da rega pela maioria dos terrenos da povoação.

**Posto 5**  
**Miradouro**

Prossiga no caminho carreteiro junto à levada, orientando-se pela sinalização do trilho, até cruzar a levada. Siga então o caminho de pé posto junto ao muro até passar pelas ruínas de um velho palheiro. Depois de atravessar o carvalhal, encontrará uma zona de matos, junto a um afloramento rochoso, onde dominam as giestas (*Cytisus* sp) e a carqueja (*Genistella tridentada*). Uma vez aqui chegado, siga para a sua esquerda até encontrar outro afloramento rochoso. Está no miradouro de onde, olhando para a sua esquerda, verá a bela cascata de Pitões. Em frente e em baixo tem o valioso carvalhal do Beredo, onde predomina o carvalho negral (*Quercus pyrenaica*), o qual está mais adaptado a este tipo de clima e altitude. Ainda olhando para a frente, lá no horizonte, será visível o recorte da serra do Gerês.

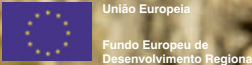
Volte pelo mesmo percurso, até encontrar o já nosso conhecido caminho carreteiro. Uma vez aqui, tome o caminho que gradualmente sobe até à povoação. O caminho é ladeado por muros de pedra solta, tendo à esquerda os lameiros e à direita a encosta que leva ao “Anjo”, encosta esta com um coberto de matos degradados pelo fogo. A aproximação a Pitões é suave, permitindo uma fácil progressão e umas soberbas vistas panorâmicas sobre os lameiros, o povoado e a serra do Gerês.

**Posto 6**  
**Pitões das Júnias**

Repare na concentração de casas de habitação que anexam espaços para a recolha do gado, muitas delas ainda de construção primitiva onde sobressaem os telhados de colmo. Característicos deste tipo de povoamento concentrado, os terrenos agrícolas, alguns armados em socalco, rodeiam a povoação. Mais próximo da habitação, está a horta. Mais afastada a cultura da batata, do milho, do centeio e do feno. Na zona mais alta são visíveis as pastagens, quer do gado miúdo (cabras e ovelhas), quer de gado bovino. Os caprinos e ovinos são acompanhados diariamente pelo pastor, prevalecendo, ainda, a tradição da vezeira – o gado é conduzido à vez pelos seus proprietários, proporcionalmente ao número de cabeças que possuem. Os bovinos, são deixados, sós, entre os meses de Abril a Setembro, nas pastagens mais altas da serra do Gerês. Seria imperdoável se não visitasse a povoação. Deixamos à sua imaginação a sua descoberta, tantos são os itinerários possíveis e todos eles interessantes.

Não deve deixar, contudo, de visitar o magnífico, embora hoje pouco utilizado, forno do povo; ouvir as histórias que as pessoas mais idosas têm para contar com a sua afabilidade; ver um interessante relógio de sol; a igreja Matriz, onde as imagens de S. Rosendo, da Senhora das Júnias, de S. João da Fraga e o estandarte que representa a lenda da formação do mosteiro, podem ser vistas. Por fim, ao cair da tarde, sugerimos que, junto ao extinto posto da Guarda Fiscal, assista à chegada da vezeira.

Parque Nacional da Peneda-Gerês



Instituto da Conservação da Natureza



Ministério das Cidades,  
Ordenamento do  
Território e Ambiente

edição ICN/PNPG, texto Henrique Regalo, José Ginja fotografia  
António Jorge Barros design gráfico Ana Pinto cartografia Ana Fontes  
impressão Inova-Artes Gráficas tiragem 2000 data Janeiro 2002

Parque Nacional  
da Peneda-Gerês



# TRILHO DE PITÕES DAS JÚNIAS

património cultural e natural

**MTR 10PR**  
**PR**

## Trilho de Pitões das Júnias

**Posto 1**  
Início do percurso

O Trilho Interpretativo de Santa Maria das Júnias permitir-lhe-á conhecer uma região rica pelo seu património cultural e natural. A duração total do percurso é aproximadamente de 01h00 a 01h30. Sugerimos-lhe que o percurso seja feito lenta e atentamente, de forma a aproveitar todas as suas potencialidades.

Inicie o seu percurso junto ao cemitério da povoação, próximo de um marco geodésico situado numa pequena elevação “Anjo”, que assinala a altitude de 1132 m. Seguirá por um caminho carreteiro, com calceta portuguesa, cujo declive se vai progressivamente acentuando, à medida que se aproxima do ponto 2.

**Posto 2**  
Encruzilhada

No final da calçada, estará numa larga encruzilhada de onde terá um vasto campo de visão, que lhe permitirá, com a ajuda de uns binóculos, de um guia de campo e de alguma paciência, observar aves, principalmente as de rapina. Entre estas, destacamos as mais comuns, a águia-de-asa-redonda (*Buteo buteo*), o peneireiro-vulgar (*Falco tinnunculus*) e o tartaranhão-azulado (*Circus cyaneus*). Deste local distingue-se, da direita para a esquerda, a serra do Gerês, com a Portela de Pitões (1200 m), a Fraga de Brazalite (1413 m), a Fonte Fria (1456 m) e toda a cumeada fronteiraça até ao Céu Rúbio (1346 m). Distingue-se ainda em dias de grande visibilidade um ponto branco, os Carris (1508 m). Separando a serra do Gerês do planalto da Mourela, a Este, o extenso vale do ribeiro do Beredo abrindo-se até à Barragem da Paradela.

Prossiga ao longo de um caminho carreteiro, ladeado por muros de pedra solta que delimitam os lameiros, e que curvando e descendo, se transformará numa velha calçada medieval, que o levará até junto do Mosteiro de Santa Maria das Júnias.

**Posto 3**  
Mosteiro de Santa Maria de Pitões das Júnias

Lenda antiga da fundação do mosteiro de Santa Maria das Júnias

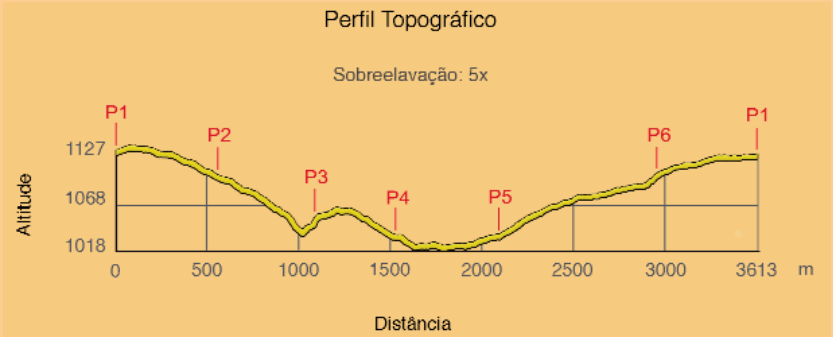
Conta-nos Fr.Tomás Peralta na sua história "Fundación, antiquedad y progressos del Imperial monasterio de Osera" de 1677, que saíndo dois caçadores para os montes do Gerês que rodeiam Júnias, nos longínquos tempos medievais e tendo andado algum tempo naquelas matas, quando "...encontraram uma imagem de Maria Santíssima com seu filho nos braços, a quem servia de majestoso trono a concavidade de um tronco de castanheiro. Diante dos cães que sem tirar os olhos dela e em posição reverente dentro do seu instinto festejavam o achado, ajudando assim à ternura e devoção dos seus amos, que cheios de elogiosa piedade, imitando aos animais, prostrados no chão, renderam justas adorações à Imperatriz da Glória, fazendo votos de melhorá-la de ara, erigindo naquele mesmo lugar templo que foi do redentor do Mundo".

Diz-se remontar a sua existência a um período anterior à fundação do Reino no sec. IX, período áureo da Reconquista Cristã. Certeza, porém, é que foi fundado em meados do sec. XII, tendo sido beneditino na sua origem, aderindo mais tarde à reforma de Cister. Inicialmente pobre, o convento foi adquirindo, com o decorrer dos tempos, alguns rendimentos, tanto na região de Barroso como na Galiza. Uniu-se primeiro a Osera e mais tarde a Bouro.

Da sua construção original ainda se conservam o pórtico lateral da igreja, de desenho singelo de puro estilo românico, e o lançamento discreto das arcadas do claustro, já em ruínas. O interior, austero, conserva já pouco da decoração original no seu arco triunfal.

Nas velhas paredes do mosteiro habitam agora alguns lagartos. É de realçar a presença do maior lagarto da nossa fauna, o sardão (*Lacerta lepida*) que poderá atingir cerca de

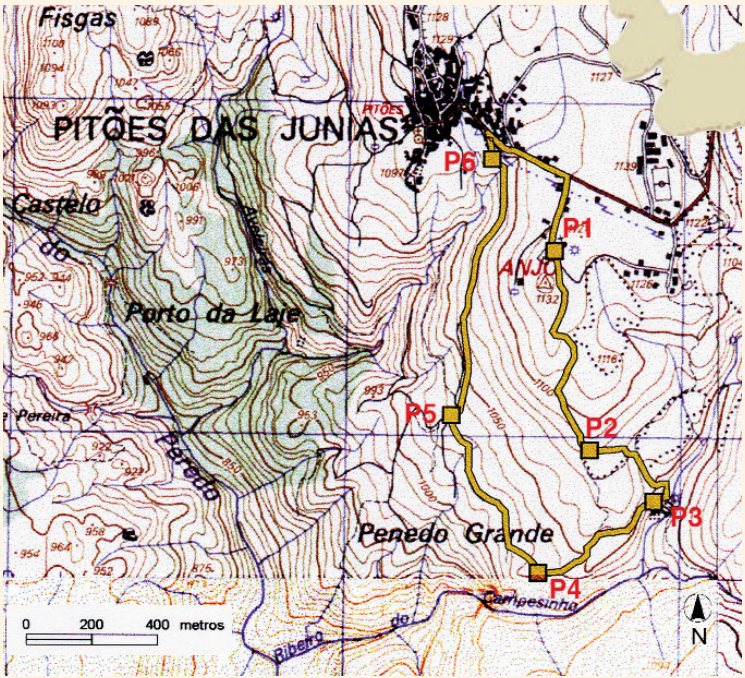




"Terras que chamam de Barroso têm um sítio tão intratável de serras e penedias, quase sempre cobertas de neve, de picos que se vão às nuvens, de brenhas tenebrosas, de vales profundíssimos e passos perigosos que mais parecem moradas de feras que de homens capazes de razão e juízo. E, contudo, são muitas as igrejas e muito em número o povo que se cria por aquelas matas..."

Frei Luís de Sousa - Vida do Arcebispo, 1619

Start: GPS: 41° 50' 17" N, 7° 56' 47" W



Extracto da Carta Militar de Portugal, do GeoE, folhas n.º 18 e 19



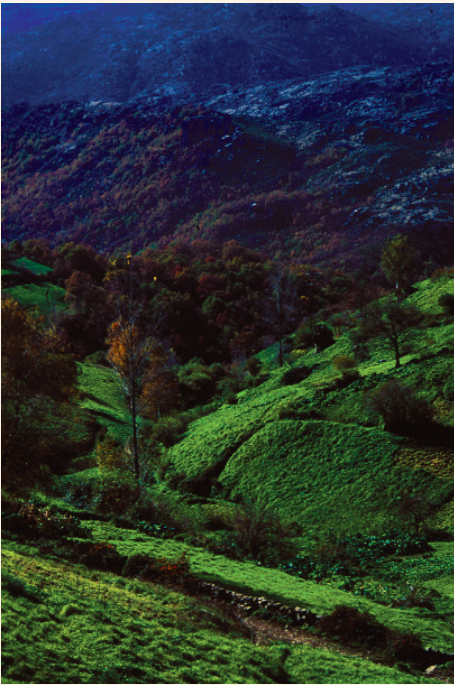
#### CUIDADOS A TER:

- Siga as indicações da sinalização. Não saia do traçado definido.
- Evite fazer ruídos e barulhos.
- Não abandone o lixo. Leve-o até um local de recolha.
- Não faça fogo.
- Deixe a natureza intacta. Não recolha plantas, animais ou rochas. Fotografe, será uma excelente recordação.
- Cuide do seu conforto. Utilize vestuário e calçado adequado.

O relevo geresiano em fundo, corresponde, em grande parte, à área mais protegida do Parque Nacional. Aí, a conservação da natureza é prioridade. No restante território e no planalto Barrosão da Moura, mais povoados, a presença humana assegura a manutenção dos ecossistemas.



No fundo de vale abrigado, onde hoje se estende o carvalhal do Beredo, fronteira entre o relevo novo do Gerês e o planalto gasto do Barroso, podem reconhecer-se as ruínas do povoado ermado de S. Vicente de Gerês, que nos tempos medievos se encostava à presença protectora do Mosteiro das Júnias.



Designam-se por "prados de lima" ou "lameiros" os pastos artificiais em declive e a meia encosta que, percorridos pelas águas pluviais e das nascentes, são dessa forma protegidos das secas ou das geadas, tão frequentes no território montanhoso de Montalegre.

